

RESENHA

Versão original

Pedro Jaime^{1,2} | pedrojaime@fei.edu.br | ORCID: 0000-0002-9292-220X

¹Centro Universitário FEI, Departamento de Administração e Programa de Pós-Graduação, São Paulo, SP, Brasil

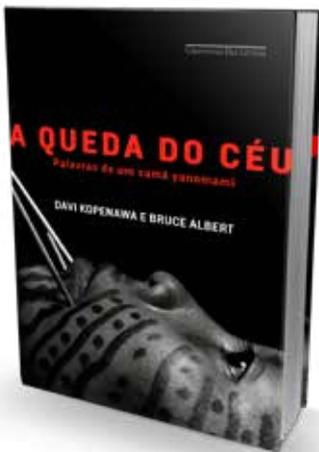
²Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP, Brasil

QUAL GESTÃO PARA ADIAR A QUEDA DO CÉU?

A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI

Davi Kopenawa e Bruce Albert. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015. 729 p.

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante. De uma estrela que virá numa velocidade estonteante. E pousará no coração do hemisfério sul, na América, num claro instante.
(Caetano Veloso)



O que os pesquisadores da área de Gestão Socioambiental podem aprender com um xamã indígena? Essa pergunta pode mostrar-se bastante pertinente se os investigadores desse campo encararem o desafio da leitura de *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. Fruto de mais de 30 anos de convivência, que resultaram numa forte amizade entre o antropólogo francês Bruce Albert e o intelectual indígena Davi Kopenawa, o livro impressiona pela sua densidade. Como aponta Eduardo Viveiros de Castro no prefácio, ele constituiu, para a comunidade científica da Antropologia, um objeto tão inédito quanto compósito. Inédito pela inovação que aporta à construção do saber antropológico. É fruto de um pacto etnográfico selado entre os autores e que demandou processos de tradução e mediação, cuja complexidade é assinalada por Albert no

prólogo e detalhada no *postscriptum*: "Quando eu é um outro (e vice-versa)". Compósito porque borra as fronteiras entre gêneros de relatos antropológicos. Trata-se de uma biografia singular de um sobrevivente indígena que, antes de voltar à aldeia para tornar-se xamã, viveu por anos em cidades da região amazônica, trabalhando em órgãos de suposta proteção ao índio e/ou como intérprete nas frentes de expansão. Mas trata-se também de uma descrição dos fundamentos poéticos-metafísicos de uma visão de mundo cuja sabedoria só agora começa-se a reconhecer. E, finalmente, de um potente exercício de Antropologia simétrica, uma análise rigorosa e mordaz do mundo dos brancos e de sua relação mórbida com o planeta. É, sobretudo, por essa terceira face do livro que recomendo a sua leitura aos pesquisadores do campo da Administração, em especial àqueles cujos interesses de investigação voltam-se para a Gestão Socioambiental.

A Antropologia, cuja origem como disciplina científica data do final do século XIX, constituiu-se originalmente como o estudo da alteridade. Um dos seus autores clássicos, o estadunidense Clifford Geertz, afirmou, certa vez, que seu papel não era responder às perguntas mais profundas da sociedade ocidental, mas colocar à sua disposição o inventário de respostas que outros povos deram a essas mesmas indagações. Para tanto, o seu método por excelência, a etnografia, configurou-se como o meio de acessar o ponto de vista do “outro”. O que essa obra tem de novo é o fato de trazer não a interpretação do antropólogo ocidental sobre esse “outro”, mas aquela do intelectual indígena sobre o Ocidente.

Dividida em três partes, cada uma delas formada por oito capítulos, acrescidos de prólogos escritos por cada um dos coautores, pelo já referido *postscriptum* e por diversos mapas e anexos que ajudam o leitor a se situar em termos territoriais, linguísticos, históricos e sociológicos, o livro traz uma mensagem lúcida e inequívoca. Ela pode ser sintetizada da seguinte forma: se o povo da mercadoria, isto é, os brancos e sua máquina “civilizacional” destruidora não apenas da natureza, mas das formas de existência que representam alternativas à modernidade ocidental, não ouvir e levar realmente a sério as palavras dos povos da floresta, o céu vai cair. E, se isso vier a acontecer, as consequências afetarão tanto os indígenas quanto os seus algozes.

A ideia da queda do céu está presente em mitos de destruição do mundo encontrados em diversas etnias indígenas. Ao longo da história humana, diferentes culturas produziram mitos de criação e destruição do mundo, tais como a Gênese e o Dilúvio para a civilização judaico-cristã. E os mitos, argumentam os antropólogos, são narrativas por meio das quais uma sociedade se expressa, indica seus caminhos, discute consigo mesma. Embora possam não trazer uma “verdade”, não significa que não tenham valor. A eficácia, e não a veracidade, é que deve ser critério para avaliação deles. O que se deve apreciar neles é a capacidade que têm de orientar o pensamento e a ação do ser humano ao lidar com questões existenciais importantes. Quem de nós haverá de discordar da serventia desse mito nesse momento em que o Ocidente, e talvez mais ainda o seu transplante para os “tristes trópicos”, se vê abalado por tantas e tão diferentes crises (epidemiológica, econômica, política, social, ambiental, moral, espiritual)? Acaso a pandemia da Covid-19 oriunda do vírus SARS-CoV-2 que nos assola e se arrasta deixa margem para discordância?

Mas que não se engane o leitor! Como afirmado anteriormente, esta é uma obra heteróclita. À narrativa mítica, acrescenta-se a história de vida e uma contra-Antropologia. E o sujeito sobre cuja vida temos acesso possui as credenciais que o habilitam a tecer uma análise tão arguta quanto irônica da incivilidade dos brancos, cegados que são pela “fumaça do metal”. Credenciais procedentes das aprendizagens tiradas de inúmeras violências perpetradas a ele, aos Yanomami e aos povos indígenas em geral por sucessivas necropolíticas. Provenientes também da sabedoria de um xamã que, numa demonstração de generosidade, mas também como uma última advertência, “nos” oferece as “belas palavras”, que lhe foram transmitidas pelos seus ancestrais.

É respeitando essas credenciais que podemos “nos” curvar (“nos” envergonhar?) diante de uma imagem “nossa” que ele expõe sem complacência num jogo de espelhos: “Os brancos não pensam muito adiante no futuro. Sempre estão preocupados demais com as coisas do momento.

[...] Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria”. Ou, então, em frases pronunciadas originalmente em entrevistas e conferências proferidas ao redor do mundo e dispostas como epígrafes em alguns capítulos: “O que os brancos fazem com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem?”; “São [os habitantes de Nova York] como formigas. Andam para um lado, viram de repente e continuam para outro. Olham sempre para o chão e nunca para o céu”; “Acho que vocês [os brancos] deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”.

Ou, ainda, neste trecho: “Os brancos pedem dinheiro para tudo o tempo todo, até para beber água e urinar! Aonde quer que se vá, há uma multidão de gente que se apressa para todos os lados sem que se saiba por quê. Anda-se depressa no meio de desconhecidos, sem parar e sem falar, de um lugar para outro. A vida dos brancos que se agitam assim o dia todo como formigas *xiri na* [espécie de formiga, segundo classificação e nomenclatura Yanomami] parece triste. Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa”.

São palavras retas, que não podemos mais fingir que “nos” surpreendem por serem exóticas. Devemos encará-las como uma mensagem que, a despeito de tão óbvia, sempre esteve oculta, ou talvez melhor seria dizer ocultada, silenciada. E, então, imaginarmos e colocarmos em prática outras formas de gestão da casa comum que compartilhamos, inclusive com outras espécies. Se a Administração é uma área do conhecimento eminentemente interdisciplinar, que, ao longo da sua história, buscou inspiração em diversas ciências, incluindo a Antropologia, ela deve beneficiar-se dos aprendizados que a ciência antropológica tem tirado ao ser desafiada por outros saberes, como o indígena. Esse movimento de renovação é urgente. Do contrário, só “nos” restará uma torcida desesperada para que Davis Kopenawas, Ailtons Krenaks e novas gerações de xamãs indígenas sigam vivendo. Afinal, como ele igualmente nos diz: “Por que continuo a lutar? Porque estou vivo! [...] Enquanto os xamãs ainda estiverem vivos, eles poderão evitar a queda do céu, mesmo que ele fique muito doente”.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Pedro Jaime trabalhou na conceitualização e abordagem teórica-metodológica, na revisão teórica e redação e revisão final do manuscrito.